

Redes, cadeias, sistemas e reportórios: sobre as relações entre gêneros

Paulo Nunes da Silva
Universidade Aberta / CELGA-ILTEC
paulo.silva@uab.pt

RESUMO

Diversas disciplinas e áreas de investigação linguística privilegiam atualmente o estudo e a teorização sobre os gêneros (Bronckart 1997; Adam 2008; Maingueneau 2014; Swales 2004; Devitt 2004; i.a.). Ao longo dos últimos anos, foram propostos múltiplos conceitos associados aos gêneros, como resultado da realização de pesquisas e da apresentação de propostas conceptuais que incidem nas relações entre essas categorias. Porém, os conceitos nem sempre são designados e definidos de forma clara e inequívoca.

Este artigo tem como objetivo principal apresentar e sistematizar as propostas de autores que teorizaram sobre as relações entre gêneros (Rastier 2001; Swales 2004; Devitt 2004), procurando comparar e articular as suas concepções com as de outros investigadores que também refletiram acerca dos mesmos temas (Adam 2011; Maingueneau 2014). A síntese crítica que se propõe demonstra que o uso de etiquetas diferentes para referir os mesmos conceitos e de etiquetas iguais para referir conceitos distintos pode suscitar equívocos. Acresce que, pontualmente, se observam sobreposições parciais entre eles. As reflexões expostas pretendem constituir um contributo para que os conceitos em causa sejam compreendidos de forma mais clara.

PALAVRAS-CHAVE

gêneros, comunidades discursivas, tipos de discurso, relações entre gêneros.

ABSTRACT

In recent years, several research and disciplinary areas have been focusing on analysing and developing theoretical concepts about genres and genre relations (Bronckart 1997; Adam 2008; Maingueneau 2014; Swales 2004; Devitt 2004; i.a.). As a result, multiple concepts related to genres have been introduced. However, these concepts are not always clearly described, distinguished or characterized.

This paper intends to present and to define different proposals by several authors (Rastier 2001; Swales 2004; Devitt 2004) and to compare them with other theoretical reflections about the same issues (Adam 2011; Maingueneau 2014). This contrastive analysis shows that misconceptions may arise as a consequence of using the same label to refer to different concepts and adopting different labels to refer to the same concept. Occasionally, possible examples of conceptual overlapping were detected. These reflections are, therefore, intended as a contribution to ensure that the concepts are more clearly understood.

KEYWORDS

genres, discourse communities, discourse types, genre relations.

1. Introdução

As reflexões e propostas de Bakhtin (1986), cujas traduções chegaram ao ocidente a partir dos anos 70 do século passado, desencadearam um especial interesse pelos géneros no seio dos estudos linguísticos. Consequentemente, ao longo das décadas seguintes, proliferaram os estudos realizados no âmbito de diversas teorizações e disciplinas linguísticas em que se foca predominantemente a atenção nos textos e nos géneros em que eles se inserem. No conjunto das áreas de investigação que se centram nos géneros, merecem destaque a Linguística Textual (e, em particular, a Análise Textual dos Discursos, segundo Adam 2008), a Análise do Discurso (Maingueneau 2014) e o Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 1997, 2008), entre as escolas de língua francesa, assim como o Inglês para Fins Académicos (Swales 1990, 2004), os Estudos Retóricos dos Géneros (Miller 1984; Berkenkotter & Huckin 1995; Devitt 2004) e a Linguística Sistémico-Funcional (Rose & Martin 2012), entre as escolas de língua inglesa.

Deste modo, o género conquistou, nas últimas décadas, uma relevância e uma centralidade que possivelmente excedem as que lhes são atualmente concedidas na área da teoria literária, no seio da qual tem sido objeto de reflexão desde Platão (cf. *A República*) e Aristóteles (cf. *Poética* e *Retórica*). Com a proliferação de estudos sobre os géneros não literários no âmbito de disciplinas linguísticas, multiplicaram-se as propostas teóricas acerca do género e de noções que lhe estão associadas. Além disso, observou-se, nos anos mais recentes, uma mudança na abordagem dos géneros que consiste em perspetivá-los não apenas isoladamente, mas considerando as complexas relações que mantêm uns com os outros (Vian Jr. 2015: 106-107). Esta alteração paradigmática é particularmente notória nas áreas do Inglês para Fins Académicos e dos Estudos Retóricos dos Géneros (Bawarshi & Reiff 2010). Nas duas áreas, têm sido propostos e adotados conceitos diversos que refletem o interesse dos investigadores em descreverem os diferentes tipos de relações entre os géneros.

Todavia, esses conceitos nem sempre se apresentam claramente definidos, delimitados, caracterizados ou exemplificados. Por isso, há, não raras vezes, confusões e sobreposições motivadas por razões de natureza terminológica, dado que uma mesma designação pode referir conceptualizações distintas, etiquetas diferentes remetem, por vezes, para o mesmo conceito, e é possível detetar casos de sobreposição parcial entre dois conceitos. Justifica-se, por isso, elaborar uma sistematização das diversas propostas acerca das relações entre géneros, cruzando enquadramentos teóricos distintos.

Nesse sentido, o presente artigo constitui uma síntese crítica de propostas conceptuais oriundas de diversas áreas disciplinares e teorizações. A reflexão, que se enquadra no âmbito da teoria do texto e é tributária da teoria dos géneros, foca alguns dos principais conceitos a que se associa o género e as mais relevantes relações para as quais este conceito é convocado. Em particular, assume-se como tributária dos principais preceitos propostos e adotados no âmbito das áreas de investigação do Inglês para Fins Específicos (Swales, 1990, 2004), da Análise Textual dos Discursos (Adam 2008) e da escola francesa de Análise do Discurso (Maingueneau 2014). Dado que tem sido nas áreas do Inglês para Fins Académicos e dos Estudos Retóricos dos Géneros que mais propostas teóricas sobre as relações entre os géneros têm emergido, a exposição acerca da maioria das relações entre géneros incidirá principalmente em dois autores, um de cada uma dessas áreas: Swales (2004) e Devitt (2004), respetivamente.

O artigo inicia-se com uma caracterização dos conceitos de género, de comunidade discursiva (ou formação sociodiscursiva) e de tipos de discurso (na secção 2), dado que configuram uma base teórica indispensável para enquadrar a exposição efetuada. A seguir, procede-se à explicitação dos conceitos de subgénero e de género incluído (na secção 3) e de diferentes relações entre grupos de géneros (nas secções 4 e 5). Por fim, refletir-se-á criticamente acerca das sistematizações apresentadas (na secção 6).

2. Género, comunidade discursiva e tipo de discurso

O género é atualmente um conceito central em áreas disciplinares que investigam as práticas discursivas. Há diferenças relevantes na maneira como

as diversas escolas e disciplinas perspetivam os géneros: ora se privilegia as propriedades textuais, ora se enfatiza as propriedades das situações comunicativas em que eles são usados, ora se procura articular aspetos textuais e situacionais. Estas perspetivas diversas decorrem de diferentes posicionamentos teóricos e de objetivos distintos que se pretende atingir.

Assim, numa perspetiva predominantemente textual, os **géneros** podem ser definidos como classes de textos relativamente estáveis (Bakhtin 1986) ou provisoriamente estabilizadas (Schryer 1993) que evidenciam propriedades internas semelhantes (Adam 2001, 2008), a nível dos temas abordados, dos planos de texto convocados e dos estilos adotados¹ (Bakhtin 1986; Adam 2001), ainda que estes aspetos sejam condicionados por fatores externos (Adam & Heidmann 2007). Tais propriedades conferem aos exemplares de um dado género um "ar de família" próprio, sendo, por isso, agrupados numa mesma classe com base na sua prototipicidade.

Mas os géneros também podem ser perspetivados tendo em consideração as propriedades relativas à situação comunicativa em que são usados: focando a atenção nas áreas de atividade socioprofissional em que emergem e circulam, nos papéis socioprofissionais que assumem os interlocutores e nos objetivos que com eles pretendem atingir (Swales 1990, 2004; Adam 2001; Maingueneau 2014). Neste sentido, pode-se atentar particularmente nas ações que os textos dos diferentes géneros permitem concretizar (Miller 1984; Bronckart 1997), uma vez que eles ocorrem em situações tipificadas e recorrentes (Devitt 2004), constituindo formas de cognição situada enraizadas em áreas de atividade específicas (Berkenkotter & Huckin 1995).

A distinção entre propriedades externas ou situacionais e propriedades internas ou textuais dos géneros ilustra a ideia segundo a qual cada género se inscreve num modelo de situação comunicativa e prevê (com graus de flexibilidade variáveis) um modelo prototípico de formulação textual (Adam 2011: 17).

Merece ser sublinhado que quase todas as disciplinas, áreas de investigação e enquadramentos teóricos atrás mencionados convergem nas seguintes conceções: **i)** os géneros são definidos, identificados, delimitados

¹ A propósito desta tríade sugerida por Bakhtin (1986: 60), Adam (2011: 23) refere-se, respetivamente, aos planos semântico, composicional e da textura frásica e transfrásica (ou componente estilístico-fraseológica; cf. Adam 2001: 40).

e caracterizados com base em critérios múltiplos e heterogéneos (externos e internos), de tal modo que os critérios que servem para identificar um dado género não são necessariamente os mesmos que são usados para identificar um outro género. Além disso, **ii**) os géneros (e as respetivas etiquetas) são categorias que emergem nas comunidades discursivas em que são usados, o que significa que constituem "classificações populares" (por oposição às "classificações eruditas", que são propostas por especialistas; cf. Chiss & Filliolet (1987)). Por fim, **iii**) os géneros configuram conjuntos abertos, dado que é sempre possível que, numa perspetiva diacrónica, sejam "espontaneamente" gerados novos géneros (atente-se nos géneros que surgiram nas últimas décadas, devido a desenvolvimentos tecnológicos)².

Apesar dos pontos de vista divergentes próprios de áreas e disciplinas com objetivos distintos, os géneros são consensualmente concebidos como categorias que emergem e circulam no seio de comunidades discursivas (Swales 1990; Maingueneau & Cossutta 1995) ou formações sociodiscursivas (Bronckart 1997; Maingueneau 2002b, 2011, Adam 2011) específicas. De facto, o enraizamento dos géneros em contextos socioculturais precisos e em períodos de tempo específicos - «l'indexation socio-historique des genres», nas palavras de Adam (2011: 18) - é uma assunção generalizada no seio dos múltiplos campos do conhecimento que focam a atenção no género.

Uma **comunidade discursiva** (ou **formação sociodiscursiva**) corresponde, *grosso modo*, a um conjunto de indivíduos que se dedicam a concretizar tarefas no âmbito de uma dada área de atividade socioprofissional³ e constitui, além disso, «[un] groupe qui n'existe que par et dans l'énonciation de textes» (Maingueneau & Cossutta 1995: 115). Combina-se, portanto, um critério socioprofissional e um critério discursivo para definir e delimitar estes grupos⁴.

² Estas três conceções acerca do género não são partilhadas pela Linguística Sistémico-Funcional, porquanto, nesta perspetiva, **i**) todos os géneros se definem com base em dois critérios (um externo - o objetivo comunicativo - e outro interno - a estruturação textual); além disso, **ii**) as classificações em géneros são propostas por especialistas (cf. Rose & Martin 2012) e **iii**) constituem conjuntos fechados.

³ De acordo com Swales (1990: 24-27), as comunidades discursivas caracterizam-se, entre outras propriedades, por perseguirem reconhecidamente um conjunto de objetivos comuns, possuírem mecanismos próprios de intercomunicação entre os seus membros, disporem de géneros diversos e específicos que os ajudam a atingir os objetivos e usarem vocabulário específico da sua atividade. Ao longo deste artigo, assume-se que o conceito de comunidade discursiva é equivalente ao de formação (socio)discursiva, inicialmente proposto por Foucault (1969) e adotado por diversas escolas de língua francesa (Bronckart 1997; Adam 2008; Maingueneau 2011).

⁴ Em rigor, os conceitos de comunidade discursiva e de formação sociodiscursiva apresentam ligeiras diferenças,

Os indivíduos que desempenham atividades e assumem papéis socioprofissionais relacionados com a atividade jornalística (na imprensa escrita, na televisão, na rádio, em meio digital, etc.) podem ser incluídos numa mesma comunidade discursiva. De igual modo, os sujeitos que se dedicam à atividade política nas suas mais diversas formas (presidente da república, ministro, líder partidário, deputado, sindicalista, etc.) integram uma única comunidade discursiva. Raciocínios semelhantes podem ser adotados para áreas de atividade como a justiça, a religião, a investigação, a publicidade, entre outras.

Não se deve concluir que todos os membros de uma dada comunidade discursiva (por exemplo, a dos agentes políticos) pretendem atingir exatamente os mesmos objetivos, mas, sim, que perseguem os mesmos tipos de objetivos, tais como "ser eleito para um determinado órgão de poder" ou "tomar determinadas decisões de natureza política". As comunidades discursivas são heterogêneas e os indivíduos (ou subgrupos de indivíduos) que as compõem muitas vezes pretendem atingir objetivos diferentes ou mesmo opostos e contraditórios, como facilmente se compreende se atentarmos na atividade política e nos diversos agrupamentos delimitados em função de valores e práticas sociais, ideológicas, políticas, etc. (Maingueneau & Cossutta 1995: 115).

Além disso, é conveniente sublinhar que as comunidades discursivas (ou formações sociodiscursivas) não existem *a priori*, dado que não se apresentam ao teórico ou investigador como previamente delimitadas: «[elles] ne sont pas stabilisées par des propriétés qui définissent des frontières en quelque sorte pré-formatées» (Maingueneau 2011: §42). Assim, quando se fala de uma comunidade discursiva correspondente aos indivíduos que se dedicam ao jornalismo ou ao ensino em Portugal, procede-se artificialmente a recortes da sociedade portuguesa com base nas áreas de atividade socioprofissional desses sujeitos falantes.

que refletem as suas origens, assim como as áreas disciplinares e teorizações em que são predominantemente usados. Aliás, a própria noção de formação sociodiscursiva revela alguma instabilidade (Maingueneau 2002b: 269), consoante os investigadores que dela se servem, os temas abordados e os objetivos que visam atingir. Por exemplo, segundo Maingueneau (2014: 84-92), pode distinguir-se as formações sociodiscursivas de identidade (concebidas com base numa instância produtora, como os enfermeiros ou os professores) das formações sociodiscursivas de tema (que se refletem em e se deduzem a partir de designações como discurso "antinuclear", "supremacista", do "maio de 68", "islamofóbico", etc.). De qualquer modo, no âmbito da escola francesa de Análise do Discurso, "la notion de communauté discursive est solidaire de celle de formation discursive", Maingueneau (2002a: 105). Por isso se assume que podem ser perspetivados como maioritariamente sobrepostos. Para uma caracterização mais fina dos dois conceitos, veja-se Maingueneau (2002a, 2002b).

Na medida em que os grupos são demarcados pelo investigador a partir de fatores como o tema que se pretende estudar, o fôlego e os objetivos da pesquisa (Maingueneau 2014: 63-64, 81), eles podem ser especificados e segmentados em subgrupos. Pode-se delimitar um grupo relativo aos professores em Portugal ou segmentá-lo em subgrupos como os professores do ensino básico e secundário, os professores da região norte, os professores de história, os professores de matemática do 2.º ciclo, os professores do ensino especial, etc.

Ou seja, de acordo com Maingueneau (2014), o investigador apoia-se simultaneamente em conceptualizações pré-existentes, atestadas na realidade, e em unidades e conceitos que são constructos (que resultam, por exemplo, da delimitação artificial de parcelas da realidade). As primeiras são designadas unidades tópicas e as segundas, unidades não tópicas. O autor opõe, então, unidades tópicas, como os géneros, a unidades não tópicas, como as formações sociodiscursivas e os tipos de discurso.

Um **tipo de discurso**, nesta perspetiva, consiste no conjunto de todos os textos produzidos no seio de uma dada comunidade discursiva⁵. Os textos da responsabilidade dos indivíduos que se dedicam ao jornalismo, quando estão investidos de papéis socioprofissionais inerentes a essa área, inserem-se no discurso jornalístico. O mesmo raciocínio é válido para os textos produzidos por outras comunidades discursivas, a que se pode associar tipos de discurso como o religioso, o político, o científico ou o literário⁶.

Segundo Foucault (1969: 153), «on appellera discours un ensemble d'énoncés en tant qu' ils relèvent de la même formation discursive». Deste modo, os conceitos de comunidade discursiva/formação sociodiscursiva e de tipo de discurso definem-se reciprocamente: um **tipo de discurso** inclui os textos produzidos pelos membros de uma dada **comunidade discursiva** que, por sua vez, se delimita com base nos textos que produz, ou seja, no tipo de discurso por que é responsável.

⁵ «[On emploie] le terme "type de discours" pour designer des pratiques discursives attachées à un même secteur d'activité, des groupements de genres stabilisés par une même finalité sociale», Maingueneau (2014: 64).

⁶ No âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), usa-se a etiqueta "tipo de discurso" numa outra aceção: ela designa cada um dos quatro modos de enunciação (ou mundos discursivos) previstos nessa teorização. Os quatro tipos de discurso definem-se e distinguem-se segundo dois critérios distintos, que correspondem a "dois tipos de relação: a relação de temporalidade (disjunção/conjunção) e a relação de participação do agente produtor da ação de linguagem e o que está semiotizado no texto (implicação/autonomia)" (Rosa 2015: 17). Do cruzamento destes dois critérios resultam quatro tipos de discurso: discurso interativo, relato interativo, discurso teórico e narração (Bronckart 1997: 159). Nesta perspetiva, os tipos de discurso são identificáveis por propriedades linguísticas, o que permite passar do nível "des types abstraits, ou architypes psychologiques, à celui des types concrets, ou types linguistiques" (Bronckart 1997: 167).

Às comunidades discursivas e aos tipos de discurso que lhes são próprios associa-se **géneros** específicos. No discurso jornalístico, inserem-se géneros como a notícia, a reportagem, o editorial ou a entrevista. Ao discurso religioso, são associados géneros como o sermão, a oração, a encíclica ou a bula. E, no discurso literário, integram-se géneros como o romance, o conto, o soneto ou a tragédia.

Como se depreende desta exposição, os três conceitos - **comunidade discursiva**, **tipo de discurso** e **género** - são indissociáveis e definem-se reciprocamente. Explicitado este enquadramento, nas secções seguintes, focar-se-á a atenção no principal tema do artigo: as diferentes relações entre géneros.

3. Género, subgénero e género incluído

A relação entre **géneros** e **subgéneros** tem sido caracterizada no âmbito da Teoria da Literatura. As principais conceções inerentes à relação entre géneros e subgéneros foram adotadas no âmbito dos estudos linguísticos, dado que, a este respeito, se constatou não existir um abismo entre os géneros literários e os não literários (Todorov 1987; Maingueneau 2004, 2014; Adam 2011).

A definição seguinte diz respeito especificamente a subgéneros literários, mas pode aplicar-se a qualquer subgénero, literário ou não:

Os géneros literários [...] podem dividir-se em subgéneros, em função da específica relevância que no seu código [...] assumem determinados factores semântico-pragmáticos e estilístico-formais. [...] o subgénero representa em relação ao género um fenómeno de hipercodificação, isto é, um fenómeno de especificação e de complexificação das normas e convenções já existentes e atuantes [...] no género.

Silva (1988: 399-400)

Nesta perspetiva, os textos de muitos géneros (literários e não literários) manifestam propriedades específicas que justificam a sua inserção

concomitante numa subclasse. Ou seja, os textos em causa mantêm as propriedades inerentes a um dado género, mas evidenciam outras que sistematicamente os particularizam. Podem, nesses casos, ser considerados como espécime de um determinado subgénero. Constituem, assim, exemplares de um género e, em simultâneo, de um subgénero.

Quanto às etiquetas adotadas, as designações destas categorias são constituídas por «um substantivo, que é a designação genológica abrangente, completado por um atributo que o especializa» (Reis 1995: 264). Assim, as designações dos subgéneros ancoram-nos explicitamente ao género de que dependem.

Eis alguns exemplos desta relação: o género dicionário compreende subgéneros como o dicionário unilingue, o dicionário bilingue, o dicionário etimológico, o dicionário de sinónimos, o dicionário de antónimos, o dicionário de autores e o dicionário temático, entre outros. Estes exemplos comprovam que a etiqueta de um subgénero (como dicionário unilingue) integra sempre a designação do género maior (dicionário) com o qual se relaciona.

À semelhança dos géneros, os subgéneros são categorias sociocultural e historicamente situadas. Porém, dada a sua dependência relativa aos géneros, possuem muitas vezes uma duração mais precária, isto é, são ainda mais «transitórios e instáveis [do que os géneros] [...] uma vez que a sua instituição responde a peculiares e não raro fugazes cenários epocais» (Reis 1995: 264).

Relação diferente é a que se estabelece entre um **género** e um **género incluído** (Rastier 1989, 2001). O capítulo correspondente à introdução de um texto do género tese de doutoramento, por exemplo, pode ser considerado um género, dado que ocorre de forma reiterada na mesma situação comunicativa e, com ele, o autor visa atingir objetivos específicos. Além disso, de um ponto de vista textual, a introdução de uma tese de doutoramento localiza-se sempre em posição inicial, incide geralmente em elementos-chave da pesquisa realizada (como o tema e a justificação da sua escolha, as finalidades visadas, as hipóteses de trabalho e, eventualmente, referências ao enquadramento teórico e à metodologia) e adota estruturas retóricas previsíveis (justifica a relevância e a originalidade do tema selecionado, demonstra que a pesquisa realizada é pertinente no seio da

área disciplinar em que se inscreve, etc.) (Swales 1990; Bunton 2002).

Assim, a introdução pode ser perspetivada como um género incluído em textos de um outro género, neste caso, a tese de doutoramento. O mesmo se observa com o *abstract* ou a conclusão. Outros exemplos de géneros incluídos são os seguintes: preâmbulo, prólogo, prefácio, agradecimentos, dedicatória, nota biográfica, artigo (em textos do discurso jurídico, por exemplo), conclusão, notas finais e índice⁷. Trata-se, em todos os casos, de géneros que ocorrem recorrentemente em situações comunicativas previsíveis, com os quais se procura concretizar objetivos semelhantes e que evidenciam propriedades textuais específicas. Esses objetivos, por sua vez, contribuem para a concretização das finalidades inerentes ao texto do género maior.

Em contraste com o que se observou a propósito da relação entre género e subgénero, cada género incluído comporta uma designação distinta da que refere o género em que se insere (como *tese de doutoramento* e *introdução*).

Quando existe mais do que «un genre inclus dans un genre d'un niveau supérieur, [...] il entre en relation de complémentarité avec d'autres genres» (Maingueneau 2014: 73). Diz-se, então, que esses géneros incluídos constituem **géneros contíguos** ou **complementares**. Assim, a relação entre um género maior e um género que nele se insere e constitui uma parte do género maior é de hierarquização entre um **género** e um **género incluído**. Já a relação entre dois géneros incluídos no seio de um género maior é de complementaridade; os dois géneros constituem, neste caso, **géneros contíguos** ou **complementares**.

A título de exemplo, atente-se na introdução de uma tese de doutoramento. No texto do género maior, ocorrem também textos do género índice e conclusão. Deste modo, a introdução, é, simultaneamente, um género incluído, desde que perspetivado na sua relação com o género maior (a tese de doutoramento), e um género contíguo, desde que perspetivado na sua relação com o índice e a conclusão, com os quais coocorre no texto do género maior.

⁷ Dado que há vários subgéneros do género índice (índice de quadros, índice de tabelas, índice de imagens, índice de abreviaturas, etc.), cada um dos subgéneros também pode ser considerado um género incluído. Na secção 6. Discussão, o cruzamento entre subgéneros e géneros incluídos será mais detalhado.

Acrescente-se que parece ser preferível considerar os géneros incluídos numa escala gradativa, e não como uma oposição discreta ou dicotómica. Há géneros que podem ser considerados incluídos em todas as circunstâncias em que ocorrem. Por exemplo, textos dos géneros introdução e conclusão encontram-se em géneros como a tese de doutoramento e a dissertação de mestrado (no âmbito do discurso académico⁸). Mas não parece ser possível que eles ocorram de forma autónoma, isto é, sem se encontrarem integrados no texto do género maior de que fazem parte.

Todavia, há géneros incluídos que, em circunstâncias específicas, podem surgir autonomamente, ou seja, não estando agregados aos textos dos géneros maiores em que geralmente se incluem. O *abstract* é um género escrito do discurso académico que tem como principal objetivo sumariar a informação essencial relativa a uma investigação já realizada ou a concretizar. Para tal, integra conteúdos típicos, nomeadamente os que são considerados mais relevantes e estruturantes de uma pesquisa, como o tema estudado, os objetivos que se pretende atingir, as hipóteses de trabalho, o enquadramento teórico, a metodologia adotada e os resultados obtidos ou previstos.

É um **género incluído** quando ocorre integrado em textos de géneros maiores, como a tese de doutoramento, a dissertação de mestrado ou o artigo científico. Nestes casos, o *abstract* descreve sucintamente pesquisas já concretizadas e acompanha (geralmente antecedendo) os textos em que esses estudos são apresentados.

Porém, o *abstract* também é usado quando um investigador submete uma proposta de comunicação no âmbito de um encontro científico. Quando tal acontece, sucede frequentemente que a pesquisa a ser apresentada na comunicação foi apenas esboçada, mas não está ainda concluída (e, muitas vezes, nem sequer foi iniciada, mas apenas planeada). Acresce que o *abstract* enviado à comissão organizadora do evento segue isoladamente, ou seja, não está integrado num texto (mais extenso) de outro género. Nestas circunstâncias, o *abstract* constitui um **género autónomo**.

É possível, ainda, que textos de um género incluído ganhem autonomia,

⁸ Adiante, ver-se-á que os géneros introdução e conclusão ocorrem em géneros de outros tipos de discurso. Acresce que os textos desses géneros podem adotar outras designações, como *reflexões preliminares* ou *considerações finais*.

por exemplo, devido a uma decisão de natureza editorial. Jorge Luis Borges era um escritor prolífico na redação de prólogos que acompanhavam obras de outros autores. Em 1975, foi publicada uma compilação de textos seus do gênero prólogo – na versão traduzida para português, a obra intitula-se *Prólogos, com um prólogo de prólogos*. Quando foram redigidos e publicados pela primeira vez, esses textos constituíam exemplares de um gênero incluído. Na coletânea, porém, os textos de Borges autonomizaram-se, pois cada um deles já não ocorre integrado na obra cujo texto apresentava na edição original. Deste modo, a inclusão dos prólogos do autor numa única obra, em que não ocorrem junto dos textos que introduzem, transforma-os em exemplares de um gênero autônomo, e já não de um gênero incluído, como terão sido na sua primeira edição⁹.

A concluir esta secção, note-se que um subgênero constitui, em todos os casos, um exemplar do gênero “maior” ou “de nível superior”: assim, pode dizer-se que *um romance histórico é um romance* e que *um dicionário bilingue é um dicionário*. Todavia, entre um gênero incluído e o gênero em que ele se insere não é possível afirmar o mesmo, pois uma introdução não é uma tese de doutoramento, assim como um prefácio não é um romance; o que se pode afirmar é que *uma introdução faz parte de uma tese de doutoramento*, ou que *integra uma tese de doutoramento*.

A seguir, refletir-se-á sobre outras relações entre categorias genéricas que foram definidas e caracterizadas no seio de disciplinas e áreas de investigação linguística.

4. Constelações de gêneros, segundo Swales (2004)

Como já foi referido, nas áreas do Inglês para Fins Académicos e dos Estudos Retóricos dos Gêneros, em particular, procura-se estudar, descrever e explicitar as relações que cada gênero mantém com outros gêneros, salientando as interações recíprocas que grupos de dois ou mais gêneros estabelecem e mantêm. Assume-se, portanto, que a competência genérica

⁹ Outras motivações de natureza não apenas editorial mas também estética, artística, programática, histórico-periodológica e sociocultural podem contribuir para que um texto de um gênero incluído se autonomize e ganhe um relevo inesperado. É, provavelmente, o caso do prefácio dos *Azulejos do conde de Arnoso*, de Eça de Queirós, e do prefácio de *Lyrical ballads*, de William Wordsworth.

inclui não apenas o conhecimento de géneros individuais, mas também os modos como diversos géneros podem interagir entre si e ser usados de forma articulada visando atingir objetivos específicos (Bawarshi & Reiff 2010: 50). De acordo com Vian Jr. (2015: 105),

«this change of focus from genre as an isolated phenomena to genres that are a part of systems recognizes the intricacies involved in genres and genre interactions. In turn, this recognition demands a complex perspective that accounts for the overlapping and inter facing ways of understanding genre».

Como hiperónimo de qualquer um dos grupos de géneros que serão caracterizados nas secções seguintes, Swales (2004: 12) usa a etiqueta **constelações de géneros** (*constellations of genres*)¹⁰.

4.1. Redes de géneros

Uma **rede de géneros** corresponde à totalidade dos géneros que estão disponíveis para os membros de uma dada comunidade discursiva. Nas palavras de Swales (2004: 22), «genre networks [...] turn out to be the totality of genres available for a particular sector». Assim, cada comunidade conta com uma rede de géneros para poder desenvolver as suas atividades específicas e atingir os objetivos que lhe são próprios.

Outros autores, como Bakhtin (1986: 60) e Devitt (2004: 57), adotaram a etiqueta **reportório de géneros** (*genre repertoires*) para referir o mesmo conceito¹¹. Por seu turno, Todorov (1987) e Adam (2011: 14) também identificam **sistemas de géneros** (*systeme de genres*) com as redes e os

¹⁰ Devitt (2004: 54-58) parece adotar a designação **conjuntos de géneros** (*genre sets*) em duas aceções : por um lado, refere qualquer grupo de géneros (aceção lata); por outro, indica grupos de géneros usados por um ou mais indivíduos, visando concretizar diversas ações no âmbito da área de atividade em que se situa(m) e atingir objetivos específicos (aceção restrita). Nesta aceção, cada conjunto de géneros é um subgrupo do reportório de géneros de uma dada área de atividade socioprofissional. A etiqueta **conjuntos de géneros** adotada por Swales (2004: 20) parece coincidir apenas com a aceção mais restrita proposta por Devitt (2004). Este é um dos diversos casos em que as designações usadas podem originar equívocos assentes em confusões terminológicas e conceptuais.

¹¹ Segundo Bakhtin (1986: 60), « [...] each sphere of activity contains an entire *repertoire of speech genres* that differentiate and grow as the particular sphere develops and become more complex». E, de acordo com Devitt (2004: 57), «a *genre repertoire* is the set of genres that a group owns, acting through which a group achieves all of its purposes, not just those connected to a particular activity». Os destaques em itálico nas citações são da nossa responsabilidade.

reportórios de gêneros¹².

As pesquisas cuja atenção incide nas redes de gêneros (ou nos reportórios de gêneros, ou nos sistemas de gêneros) visam descrever os gêneros específicos de uma dada comunidade discursiva, procurando, entre outros aspetos, evidenciar as interações que existem entre eles, explicitar a interdependência entre os gêneros usados, as atividades desenvolvidas, as motivações, os objetivos e os valores inerentes à comunidade em causa, etc. A este propósito, atente-se na seguinte citação de Devitt (1991), que analisou o **reportório de gêneros** (ou **rede de gêneros**, na terminologia de Swales 2004) associados à atividade de contabilidade fiscal:

[The] examination of the role and interaction of texts within tax accounting has revealed how essential texts are to the constitution and accomplishment of this professional community. Each text functions to accomplish some of the firm's work; [...] For tax accountants– and perhaps for other professionals– texts are so interwoven with and deeply embedded in the community that texts constitute its products and its resources, its expertise and its evidence, its needs and its values.

Devitt (1991: 353-354)

A rede de gêneros adensa-se à medida que a comunidade discursiva evolui e se complexifica. Por isso, o estudo das redes de gêneros pode assentar também numa perspetiva diacrónica, visando descrever e compreender os meios e os motivos pelos quais emergem certos gêneros com determinadas propriedades. Neste âmbito, a intertextualidade é um conceito central (Bakhtin 1986; Devitt 1991, 2004), porquanto os novos gêneros nascem a partir de outros gêneros já existentes (Todorov 1987; Adam 2011). A intertextualidade pode manifestar-se na adoção, por um dado género (em especial, por um género em formação), de propriedades retóricas e estilísticas típicas de um outro género usado no seio da mesma comunidade discursiva – o que constitui um caso de intertextualidade

¹² Para estes autores, **sistemas de gêneros** englobam os gêneros que «les groupes sociaux élaborent au cours de leur évolution historique, faite de contacts et d'emprunts avec et à d'autres groupes sociaux» (Adam 2011: 14). Subjaz a esta conceção a perspetiva segundo a qual os gêneros surgem, desenvolvem-se e desaparecem, refletindo as necessidades e os valores da formação sociodiscursiva em que são usados e promovendo os respetivos objetivos.

genérica, de acordo com Devitt (1991).

Deste modo, estudar os géneros de uma comunidade discursiva permite conhecer e compreender não apenas o que é inerente às práticas discursivas dos seus membros, mas também os valores e os objetivos específicos dessa comunidade, assim como as relações (genéricas, interpessoais, institucionais) entre os diversos interlocutores envolvidos. O conceito de rede de géneros é, então, particularmente relevante no âmbito de áreas de investigação que tenham como objetivo descrever os géneros.

4.2. Conjuntos de géneros

Na perspetiva de Swales (2004), os **conjuntos de géneros** (*genre sets*) referem-se aos géneros usados por um único indivíduo ou por um grupo de indivíduos¹³:

[a **genre set** is] that part of the total genre network that a particular individual – or more usefully sometimes a class of individuals – engages in, either or both receptively and productively, as part of his or her normal occupational or institutional practice.

Swales (2004: 20)

Um conjunto de géneros é, então, um subgrupo do grupo referido pela etiqueta rede de géneros. Este conceito pode ser determinante para estudos diversos, através da adoção de uma abordagem sincrónica (para identificar os géneros de que, num dado momento, o sujeito falante se serve), ou diacrónica (focando a atenção nos géneros que usa e vai adotando ao longo de um determinado período de tempo, procurando explicitar e compreender a evolução que revela no domínio de géneros específicos).

No primeiro caso, o conceito é particularmente relevante quando se considera que cada sujeito falante assume diversos papéis socioprofissionais no seu quotidiano -, dependendo da situação comunicativa em que se encontra, insere-se em diversas comunidades discursivas: no local de

¹³ Como foi anteriormente mencionado, Devitt (2004: 54-56) parece usar a etiqueta **conjuntos de géneros** (*genre sets*) em duas aceções: numa aceção mais abrangente, constitui um hiperónimo de qualquer grupo de géneros; numa aceção mais restrita, coincide com a conceção de conjunto de géneros proposta por Swales (2004). Assim, em relação a esta designação, a conceptualização de Swales (2004) corresponde parcialmente à de Devitt (2004).

trabalho, com a família ou com os amigos. E isso resulta no uso de géneros diferenciados, em função dos papéis de que está investido.

Por exemplo, o reitor de uma universidade, no local de trabalho, pode produzir textos de géneros escritos como o despacho, a mensagem de correio eletrónico ou o artigo científico, e géneros orais como a aula, a conferência ou a intervenção numa reunião do conselho geral. Em contexto familiar ou de relacionamento interpessoal com amigos e conhecidos, os géneros usados são necessariamente outros.

Assim, o conceito de conjunto de géneros permite caracterizar indivíduos específicos de acordo com os papéis socioprofissionais que assumem e, desse modo, captar aspetos relacionados com a organização social subjacente ao uso dos géneros.

Recorde-se que, por um lado, há géneros que são exclusivamente usados por indivíduos investidos de papéis socioprofissionais específicos: a bula só pode ser produzida pelo papa; o decreto-lei, por um membro do governo; a prescrição de fármacos, por um médico; etc. O acesso a determinados géneros está, por assim dizer, vedado a indivíduos que não estão investidos de estatutos socioprofissionais específicos. Assumir um dado papel socioprofissional consiste em ter permissão, legitimidade e autoridade para produzir textos de determinados géneros.

Acresce que, em múltiplas atividades, o domínio de certos géneros adquire-se progressivamente (e, neste caso, justifica-se um abordagem diacrónica). No discurso académico, por exemplo, antes de redigir textos dos géneros artigo científico e tese de doutoramento, um estudante precisa de revelar mestria no uso de géneros como as respostas em provas de avaliação, relatórios e outros trabalhos (escritos ou orais), e obter, por essa via, sucesso em disciplinas e seminários, ou seja, concluindo sequencialmente uma licenciatura, um curso de mestrado e um curso de doutoramento.

Deste modo, o estudo de conjuntos de géneros de sujeitos falantes específicos (considerados individualmente ou como grupos de indivíduos de uma comunidade discursiva) pode ser relevante para detetar e descrever os modelos de organização social subjacentes às práticas discursivas. De maneiras diversas, essas práticas refletem e reforçam relações de poder entre os indivíduos nas sociedades contemporâneas.

4.3. Cadeias de géneros

De acordo com Swales (2004: 18-20), as **cadeias de géneros** (*genre chains*) são sequências compostas por grupos de géneros distintos cuja produção se sucede de forma cronologicamente ordenada. Tal acontece quando o texto de um dado género solicita ou contribui para o surgimento de um texto de outro género. Em cadeias mais extensas, o segundo texto requer o surgimento de um terceiro texto, e assim sucessivamente. Esta relação de sequencialidade não corresponde a uma mera justaposição de textos e de géneros, porquanto os diversos géneros em causa interagem entre si (Maingueneau 2014: 72).

Há, portanto, cadeias de géneros que integram apenas dois géneros e outras que podem agregar múltiplos textos de vários géneros¹⁴. Um dos exemplos mais comuns nas sociedades atuais é o do formulário ou do requerimento que se preenche para se obter um texto de um outro género, como um diploma ou um certificado. Trata-se de uma cadeia de géneros, porquanto os dois textos de géneros distintos ocorrem temporalmente ordenados: em primeiro lugar, produz-se o formulário ou requerimento e só depois, como consequência dessa solicitação, se elabora o diploma ou certificado.

Há casos, porém, em que as cadeias são mais longas, sendo convocado um número significativo de textos de diversos géneros. No âmbito do discurso académico, uma dessas cadeias é a que corresponde à organização de um encontro científico e à subsequente publicação de um livro de atas. Neste sentido, o quadro n.º 1 explicita uma cadeia de géneros, na qual se inserem os textos produzidos por várias instâncias: os organizadores de um encontro científico, os autores que submetem propostas de comunicação e, mais tarde, artigos para o livro de atas, os editores desse livro e os revisores das propostas submetidas¹⁵.

¹⁴ Parece ser com base neste critério que Devitt (2004: 56-58) distingue géneros sobrepostos (*overlapping genres*) que obedecem a um **padrão de chamada e resposta** (*calland response pattern*) de **sistemas** (ou **sequências de géneros**). Ver secção 5.

¹⁵ No quadro, prevê-se que os revisores científicos recomendaram que quer a proposta de comunicação a apresentar em encontro científico, quer o artigo submetido necessitam de revisão e que, em ambos os casos, as segundas versões são aceites. Mas outros casos podem suceder: por exemplo, que a proposta de comunicação seja aceite sem necessitar de revisão ou que seja liminarmente rejeitada.

Quadro n.º 1 - Cadeia de géneros: organização de um encontro científico e publicação de um livro de atas

	Género	Autor(es) do texto	Público-alvo (potencial)
1	Chamada para comunicações	– Membro(s) da comissão organizadora de encontro científico	Investigadores da comunidade discursiva em causa
2	Proposta de comunicação	– Autor/Investigador 1	– Membro(s) da comissão organizadora de encontro científico – Revisor(es) científico(s)
3	Mensagem de resposta à proposta de comunicação com indicações de reformulação	– Membro(s) da comissão organizadora de encontro científico – Revisor(es) científico(s)	– Autor/Investigador 1
4	Proposta de comunicação revista	– Autor/Investigador 1	– Membro(s) da comissão organizadora de encontro científico – Revisor(es) científico(s)
5	Mensagem de aceitação da proposta de comunicação	– Membro(s) da comissão organizadora de encontro científico	– Autor/Investigador 1
6	Mensagem com indicação do programa do encontro científico	– Membro(s) da comissão organizadora de encontro científico	– Autor/Investigador 1 – Outros autores cujas comunicações foram aceites – Participantes no encontro científico
7	Comunicação em encontro científico	– Autor/Investigador 1	– Investigadores da comunidade discursiva em causa que participam no encontro científico
8	Chamada para artigos	– Membro(s) da comissão editorial do livro de atas	– Autor/Investigador 1 – Outros autores cujas comunicações foram aceites
9	Artigo submetido	– Autor/Investigador 1	– Editores da publicação – Revisor(es) científico(s)
10	Mensagem de resposta ao artigo submetido com indicações de reformulação	– Membro(s) da comissão editorial do livro de atas – Revisor(es) científico(s)	– Autor/Investigador 1
11	Artigo revisto (texto igual a 13)	Autor/Investigador 1	– Editores da publicação – Revisor(es) científico(s)
12	Mensagem de aceitação do artigo revisto	– Membro(s) da comissão editorial do livro de atas – Revisor(es) científico(s)	– Autor/Investigador 1
13	Artigo publicado em livro de atas (texto igual a 11)	– Autor/Investigador 1	– Investigadores da comunidade discursiva em causa

Fonte: autor

Uma advertência prévia deve ser introduzida, sublinhando o problema relativo à apresentação de etiquetas para cada um dos géneros indicados: se algumas dessas designações são bem conhecidas entre os investigadores - como chamada para comunicações e artigo submetido -, outras não estão generalizadas (ou seja, no quadro, poderiam ser adotadas outras designações). E, por vezes, há oscilações nas etiquetas usadas: uma proposta de comunicação é também designada resumo ou *abstract*.

No quadro, os géneros são numerados de forma crescente, em consonância com a previsível ordem de ocorrência. Contudo, entre os textos dos géneros 5 e 7, pode haver outras mensagens relativas a diversos assuntos relacionados com a inscrição do autor/investigador (pagamentos a efetuar, envio de recibo, inscrição em jantar, etc.). Do mesmo modo, entre os textos dos géneros 7 e 8, podem ser produzidas e trocadas outras mensagens, relativas a agradecimentos pela participação no encontro, ao envio de diploma, etc. Note-se, ainda, que os textos indicados em 11 e em 13 são iguais.

Quanto aos públicos-alvo de cada género, os textos com públicos-alvo mais alargados são os dos géneros 1, 6, 7, 8 e 13 - em particular, os textos 1 e 13, que potencialmente se dirigem a todos os membros da comunidade discursiva relativa à área disciplinar em causa. No caso de 1, pretende-se que o texto seja lido pelos investigadores da área disciplinar (ou comunidade discursiva) em causa para que tomem conhecimento do encontro científico que se irá realizar e, eventualmente, participarem, sob a forma de proposta de comunicação ou assistindo às várias sessões do encontro. Quanto a 13, espera-se que seja lido por esses mesmos investigadores, na medida em que apresenta uma reflexão ou pesquisa realizada pelo autor/investigador 1.

Os textos do género 8 visam todos os autores que, no encontro, apresentam comunicações. Os textos relativos aos géneros 6 e 7, por sua vez, dirigem-se a todos os participantes no encontro científico. No caso de haver sessões paralelas, os textos do género 7 destinam-se apenas a um subgrupo do conjunto total dos participantes, nomeadamente aos participantes que assistem à sessão em que o autor/investigador 1 apresenta a sua comunicação.

Os restantes textos dos géneros referidos em 2, 3, 4, 5, 9, 10, 11 e 12 destinam-se a indivíduos específicos: os textos dos géneros 3, 5, 10 e 12

dirigem-se ao autor/investigador que submeteu a proposta de comunicação e o artigo. Os textos dos géneros 2 e 4 são enviados aos membros da comissão organizadora do encontro e, em última instância, aos revisores científicos das propostas de comunicação apresentadas. Quanto aos textos dos géneros 9 e 11, os seus destinatários são os editores da publicação relativa ao livro de atas do encontro, que os reencaminham para os revisores científicos dos artigos submetidos.

Verifica-se, então, que alguns géneros (como 1 e 13) têm um público-alvo mais abrangente, pelo que obtêm grande visibilidade. Pelo contrário, outros (como 3, 5, 10 e 12) dirigem-se a indivíduos específicos. Estas diferenças significativas relativamente ao público-alvo potencial de cada género da cadeia devem-se a razões de natureza logística e organizativa e decorrem dos objetivos que se pretende atingir.

Swales (2004) refere-se aos géneros que, em cadeias como esta, visam um público-alvo muito restrito ou mesmo individualizado como sendo *occluded genres*, isto é, "géneros tapados", "obstruídos" (poder-se-ia acrescentar "ocultos"). Trata-se de géneros que não circulam pela generalidade da comunidade discursiva, uma vez que «they are out of sight to outsiders and apprentices» (Swales 2004: 18). São, contudo, géneros importantes, na medida em que regulam as práticas discursivas entre os membros da comunidade e concretizam opções e decisões relevantes.

Pelo exposto se conclui que as cadeias de géneros constituem um objeto de estudo preferencial de áreas de investigação que incidem a atenção nos fatores externos das práticas discursivas e do uso de géneros específicos. Dado que os géneros podem ser perspetivados como formas de ação social, mais especificamente como ações retóricas concretizadas em situações recorrentes (Miller 1984), as pesquisas incidem na análise dos objetivos que lhes subjazem; nesta perspetiva, estudar os géneros equivale a estudar o contexto socioprofissional e as situações retóricas em que são usados, refletindo sobre os papéis sociais permitidos aos interlocutores, as relações de poder inerentes à produção e circulação dos géneros em causa, os mecanismos de reprodução social indiciados pelo uso dos géneros, etc. (Devitt 2004, Bazerman 2015).

Além destes conceitos que incidem nas complexas relações entre os géneros, Swales (2004: 12-18) refere-se às **hierarquias de géneros**, ou seja,

à importância desigual que se reconhece aos géneros no seio de uma dada comunidade discursiva, na medida em que uns são mais valorizados e gozam de maior prestígio do que outros. Na mesma linha, Maingueneau (2014: 154-156) defende que os géneros, no âmbito de cada tipo de discurso, se estruturam como um conjunto hierarquizado. A valorização de cada género é objeto de incessantes debates e, por isso, a hierarquização é suscetível de conhecer alterações ao longo dos tempos. Trata-se, porém, de relações mais difíceis de identificar e, sobretudo, de comprovar. Por este motivo, a relação não é tratada de forma mais desenvolvida no presente artigo.

5. Conjuntos de géneros, segundo Devitt (2004)

Na proposta de Devitt (2004: 54), a etiqueta **conjuntos de géneros** (*genre sets*) constitui, numa aceção mais abrangente, um hiperónimo de qualquer grupo de géneros¹⁶. Numa aceção mais restrita, refere um grupo de géneros usados no seio de uma dada área de atividade com que se procura concretizar uma ou mais ações visando atingir objetivos específicos (cf. Devitt 2004: 57)¹⁷. Deste modo, tendo em consideração a aceção mais lata, os referentes de qualquer conceito mencionado a seguir constituem conjuntos de géneros.

Na perspetiva desta autora, o conjunto mais alargado de géneros corresponde ao **contexto de géneros**:

The context of genres is the existence of particular genres, the already existing textual classifications and forms already established and being established within a given culture, the set of typified rhetorical actions already constructed by participants in a society.

Devitt 2004: 28

Este conceito remete, então, para todos os géneros que existem numa determinada sociedade ou cultura num dado momento histórico. Quanto à sua relevância, ele permite conceber que as práticas discursivas são sempre

¹⁶ Nesta aceção, um **conjunto de géneros**, segundo Devitt (2004: 54), coincide com o que Swales (2004:12) designa por **constelação de géneros**.

¹⁷ Nesta aceção, corresponde ao que Swales (2004) também designa por **conjuntos de géneros**.

enquadradas (e, conseqüentemente, condicionadas e influenciadas) por géneros já existentes. E isso observa-se quer numa perspetiva diacrónica - de acordo com a qual cada género surge a partir de outros géneros já existentes -, quer numa perspetiva sincrónica - segundo a qual cada novo texto se inscreve necessariamente num género ou em mais do que um (cf. também Bronckart 1997 e Adam 2008).

Os géneros disponíveis no âmbito de uma dada comunidade discursiva constituem um **reportório de géneros** (*genre repertoire*)¹⁸. Estes géneros ajudam os membros da comunidade a concretizar atividades e a atingir os objetivos que lhes são inerentes. Os géneros inseridos num reportório de géneros interagem entre si, influenciando-se mutuamente, e permitem caracterizar todas as atividades de um grupo socioprofissional (Devitt 2004: 57).

Numa aceção restrita, a etiqueta **conjunto de géneros** designa, segundo Devitt (2004: 57), “these more loosely defined sets of genres, associated through the activities and functions of a collective but defining only a limited range of actions”. Nesta aceção, os conjuntos de géneros são subgrupos que integram um dado reportório de géneros e podem ser produzidos por um ou mais indivíduos¹⁹. Por exemplo, segundo Bawarshi & Reiff (2010: 88),

A teacher’s genre set can include writing the syllabus, developing assignments, preparing lesson plans, sending announcements to the class, replying to student questions, providing feedback on student papers, and submitting grade sheets. Students’ genre set can include class notes, reading notes, e-mail queries to the instructor, essays, answering exam questions, and so on.

Por outro lado, um **sistema de géneros** (*genre system*) e uma **sequência de géneros** (*genre sequence*) designam os grupos de géneros que permitem realizar ações específicas e atingir objetivos particulares da comunidade discursiva em que são usados²⁰. Segundo, Orlikowski & Yates (1998: 14-15),

¹⁸ A estes grupos, Swales (2004) chama **redes de géneros**.

¹⁹ Na aceção mais restrita proposta por esta autora, a etiqueta **conjuntos de géneros** refere o mesmo grupo de géneros nas conceções de Devitt (2004) e de Swales (2004).

²⁰ Tal como é definido por Devitt (2004), o conceito de **sistema de géneros** (ou **sequência de géneros**) coincide com o de **cadeia de géneros** (Swales 2004): «as the close linking and necessary ordering of these last examples show, a genre system might also be called a genre sequence» (Devitt 2004: 57). Nem todos os exemplos que a autora apresenta, contudo, permitem concluir que os textos dos diversos géneros ocorrem necessariamente de acordo com

Occasionally, genres are linked or networked together in a way that constitutes a more coordinated communicative process; [...] Such a *genre system* consists of interdependent genres that are enacted in some typical sequence (or limited set of acceptable sequences) in relation to each other, and whose purpose and form typically interlock.

Numa perspetiva em que se privilegia a organização institucional e a comunicação entre os seus membros, o conceito de sistema de géneros é particularmente útil, dado que permite estudar as interações focando a atenção na maneira como os indivíduos coordenam as suas atividades com base em práticas discursivas tipificadas: «like individual genres, genre systems too are organizing structures within a community, providing expectations about the purpose, content, form, participants, time, and place of communicative interaction», (Orlikowski e Yates 1998: 15).

Entre os exemplos de sistemas de géneros que Devitt (2004) apresenta para ilustrar este conceito, contam-se os géneros envolvidos na procura de emprego: anúncio de oferta de emprego, *curriculum vitae*, formulários, carta de recomendação, convocatória para entrevista de emprego, etc.

A autora contrasta, então, este conceito com o de **reportório de géneros**, que refere a totalidade dos géneros usados por uma comunidade discursiva e que contribui para atingir *todos* os objetivos dessa comunidade (e não apenas um): «the genre systems of a particular activity could be part of a larger genre repertoire, as the trial genre system would be part of the legal genre repertoire» (Devitt 2004: 57). E, assim, cada **sistema de géneros** constitui um subgrupo do grupo correspondente a todos os géneros de uma comunidade discursiva.

Acresce que um **sistema de géneros** se diferencia de um **conjunto de géneros** pelo facto de se caracterizar por interações diretas entre os géneros do sistema. Dito de outro modo, num sistema de géneros, os géneros

uma dada ordem; parece incluir também os casos em que se reúne um portefólio de textos de diversos géneros, sem que haja uma ordem pré-determinada segundo a qual eles devam ser produzidos. Por outro lado, Devitt (2004) aparentemente considera que o **padrão de chamada e resposta** configura uma relação distinta da **sequência de géneros** (ou, melhor, um caso particular da sequência de géneros), possivelmente porque se trata de uma sequência de apenas dois géneros. Como em ambos os casos há uma sucessão de textos de géneros diferentes, parece ser o número de géneros em causa que permite distinguir entre um e outro.

sucedem-se e relacionam-se de tal modo que requerem e são requeridos por outros géneros. Assim, nesta conceção, parece haver uma gradação entre os três conceitos: **reportório de géneros** designa todos os géneros existentes numa dada área de atividade socioprofissional; **conjunto de géneros**, numa aceção mais restrita, refere um subgrupo (mais livremente delimitado) do reportório de géneros, que é usado por um ou mais indivíduos; as etiquetas **sistema de géneros** e **sequência de géneros** designam um subgrupo do reportório de géneros que interagem diretamente uns sobre os outros (solicitando e respondendo a solicitações).

Por fim, a autora refere-se a três tipos de relações que designa por **géneros sobrepostos** (*overlapping genres*), ou seja, «[genres that] overlap in function and situation» (Devitt 2004: 58). Alguns géneros funcionam de acordo com um **padrão de chamada e resposta**: (*call and response pattern*): a um pedido de informação por escrito, pode seguir-se uma carta com as informações requisitadas²¹. Esta relação parece ocorrer apenas entre dois géneros que se sucedem cronologicamente, de tal modo que um surge após ser solicitado por outro. Ou seja, constitui um subgrupo específico de um sistema de géneros (ou de uma sequência de géneros).

Outro tipo de sobreposição de géneros ocorre com os chamados **supergéneros** (*supergenres*). Nesta relação, incluem-se os géneros que servem de referência central para outros géneros. A *Bíblia* mantém uma relação deste tipo com múltiplos géneros do discurso religioso no âmbito do Cristianismo. O mesmo se observa entre géneros como, por exemplo, a constituição ou o código penal e outros géneros do discurso jurídico²².

O terceiro e último tipo integra os designados **metagéneros** (*metagenres*), ou seja, géneros que dão instruções ou orientam a escrita de outros géneros. Textos do género declaração de impostos são frequentemente acompanhados de um outro texto que indica as informações que devem ser inseridas em cada secção. O género do texto com as instruções de preenchimento da

²¹ Este conceito parece constituir um caso específico de uma **cadeia de géneros**, tal como foi definido por Swales (2004: 18-20), em particular quando a cadeia inclui apenas dois géneros que se sucedem. Se esta interpretação se confirmar, então pode concluir-se que os **sistemas de géneros** (ou **sequências de géneros**) e os **padrões de chamada e resposta** (segundo Devitt 2004) configuram dois subgrupos ou duas maneiras distintas de concretizar uma **cadeia de géneros** (Swales 2004). Dito de outro modo, os dois autores procedem a um recorte diferente da realidade: Swales (2004) subsume num único conceito os tipos de relações que Devitt (2004) distribui por dois conceitos (ligeiramente) diferentes.

²² Para referir os géneros que Devitt (2004) designa como **supergéneros**, Berkenkotter (2001) (*apud* Swales 2004: 17) adota a designação de **metagéneros**.

declaração constitui, então, um metagénero.

Além destas relações entre géneros, a autora prevê que outras possam ser detetadas e constituírem-se como objeto de estudo no futuro: «research will continue to reveal other ways that genres interact with one another as scholars increasingly examine relations among genres» (Devitt 2004: 58).

6. Discussão

A relação entre **género** e **subgénero** tem sido objeto de reflexão no âmbito da Teoria da Literatura. Trata-se de uma relação estabilizada entre as duas categorias: um subgénero constitui, em todos os casos, um exemplar do género "maior" ou de "nível superior". Depende hierarquicamente desse género, no sentido em que evidencia as suas principais propriedades. Contudo, inclui outras, mais específicas, que não são próprias de todos os exemplares do género "maior".

Entre as propriedades típicas dos textos do género dicionário conta-se o facto de constituir uma espécie de catálogo de conteúdos relativos a uma dada área do conhecimento e o de ser organizado em entradas alfabeticamente ordenadas (Correia 2009). Estas características também são atestadas nas categorias que constituem subgéneros do género dicionário, como o dicionário unilingue ou bilingue, o dicionário de sinónimos ou de verbos, o dicionário etimológico ou de regências, o dicionário de nomes próprios ou de provérbios, etc. Em cada um destes subgéneros incide-se a atenção num domínio particular da(s) língua(s) em causa.

As designações dos subgéneros refletem uma relação de dependência: as etiquetas dos subgéneros incluem necessariamente a etiqueta do género. Assim, um texto do subgénero dicionário bilingue é um texto do género dicionário.

Nos exemplos apresentados, a hipercodificação do género dicionário incide em questões de natureza temática ou semântica: cada subgénero distingue-se dos restantes em função dos conteúdos preferencialmente abordados. A designação dicionário ilustrado aponta para uma outra propriedade que permite identificar um subgénero: o facto de se tratar de textos que, além das propriedades já mencionadas inerentes aos textos do género dicionário, combinam linguagem verbal com imagens, figuras, etc.,

o que resulta em textos multimodais.

A apresentação de exemplos de subgéneros literários permite extrair conclusões mais ricas acerca do tipo de especificações próprias dos subgéneros. Veja-se os casos do romance e da ode, assim como de vários subgéneros que deles dependem: romance histórico, romance epistolar, romance radiofónico, romance de família, romance policial, romance queirosiano; ode anacreôntica, ode pindárica, ode horaciana (cf. Silva 1988: 399-400; Reis 1995: 263-265; Reis 2018: 488; Silva 2012: 102-106).

Pela análise das designações dos subgéneros listados, pode concluir-se que as especificações dizem respeito a aspetos temáticos (romance de família, romance policial), autorais (romance queirosiano, ode anacreôntica), estruturais (romance epistolar) ou mediáticos (romance radiofónico). Outras especificações decorrem do movimento artístico-literário (soneto barroco), do período temporal ou época (epopeia renascentista) e da nacionalidade, civilização ou região geográfica (soneto inglês, tragédia grega, canção provençal).

A relação entre **género** e **género incluído** é distinta da relação entre género e subgénero, o que se pode comprovar de duas maneiras. Em primeiro lugar, os textos de géneros incluídos integram textos de outros géneros: a introdução e a conclusão de um artigo científico constituem partes de um texto do género artigo científico. Em contraste com esta situação, um texto do subgénero dicionário unilingue existe de forma autónoma; ele não constitui uma parte integrante de um texto de outro género.

Em segundo lugar, a relação de dependência entre género e género incluído, por um lado, e entre género e subgénero, por outro, reflete-se de modos distintos nas designações adotadas. A etiqueta dos subgéneros integra sempre a etiqueta do género "maior" ou "de nível superior" de que dependem (como em dicionário e dicionário unilingue), ao contrário do que se observa em relação às etiquetas dos géneros incluídos (por exemplo, artigo científico e introdução).

Pode suceder que dois ou mais textos do mesmo género incluído sejam designados por etiquetas diferentes. Em textos académicos que se inserem em géneros como o artigo científico e a tese de doutoramento, por exemplo, observa-se que os géneros incluídos mais frequentemente designados por introdução e conclusão podem ser nomeados com recurso a outras etiquetas:

enquadramento, considerações iniciais ou reflexões preliminares, no caso da introdução; e reflexões finais, considerações finais, conclusões, conclusões gerais ou conclusões finais e perspetivas futuras, no caso da conclusão.

Apesar do uso de designações distintas, i) os objetivos que os respetivos textos concretizam, ii) os conteúdos que neles são incorporados, iii) a estruturação previsível (ainda que admita modelos e graus de flexibilidade diversos) e iv) a sua localização no seio do texto do género "maior" indiciam que se está na presença de textos de um mesmo género. A proliferação de etiquetas de alguns géneros incluídos deve-se a vários fatores, entre os quais se contam a falta de estabilização ou de generalização das designações e as opções estilísticas dos autores. Esta constatação é válida também para as flutuações que se observam em designações de géneros²³.

Acresce uma outra dificuldade para o investigador: os textos de alguns géneros incluídos partilham a mesma designação mas podem revelar propriedades internas distintas, a nível dos tipos de conteúdos que integram, dos recursos estilístico-fraseológicos usados, da estruturação adotada e da extensão previsível. É o que se observa em textos do género **incluído** introdução que ocorrem em textos de géneros distintos, como o artigo científico e a tese de doutoramento (no seio do discurso académico) ou o código penal (para apresentar um exemplo de outro tipo de discurso).

Estas considerações suscitam a seguinte interrogação: os textos que concretizam a introdução de textos dos géneros artigo científico e do código penal constituem exemplares do mesmo género incluído? A resposta não é óbvia. Trata-se de textos do mesmo género incluído se se destacar as respetivas designações e propriedades como a localização em que ocorrem no texto do género de que fazem parte e o objetivo geral de enquadramento desse texto. Mas podem ser perspetivados como géneros incluídos distintos se se considerar que evidenciam propriedades textuais diferentes, nomeadamente características de natureza temática, estilístico-fraseológica e estrutural.

Se se conceber que todos os textos do género **incluído** introdução se inserem no mesmo género, independentemente do género de que são parte integrante, então parece pertinente concluir que a introdução de um artigo

²³ Sobre a relação entre as etiquetas e os géneros que elas referem, cf. Miranda (2012a: 93-96).

científico é um subgénero do género introdução; e o mesmo raciocínio é válido para a introdução da tese de doutoramento, da dissertação de mestrado, do relatório científico, etc.: trata-se, em todos os casos, de subgéneros do género introdução. Nesta perspetiva, a introdução de um artigo científico é, concomitantemente, um género incluído (do género artigo científico) e um subgénero (do género introdução).

Segundo uma outra perspetiva, os textos do género incluído introdução de artigo científico configuram um género próprio, porque manifestam algumas propriedades distintas do género incluído introdução de tese de doutoramento. Tais diferenças decorrem de aspetos situacionais particulares, que dizem respeito à área de atividade socioprofissional em que cada texto emerge, aos papéis socioprofissionais dos interlocutores e aos objetivos específicos com que os textos são produzidos. Nesse sentido, ambos constituem géneros diversos, que se distinguem, por sua vez, dos géneros introdução de dissertação de mestrado, introdução de relatório científico, etc.

A diferença entre as duas conceções depende da área de pesquisa e de teorização em que cada investigador se situa, ou seja, das conceções teórico-metodológicas adotadas e das suas opções. Ao valorizar e sublinhar em maior ou menor grau certas propriedades, perspetiva-se os textos do género introdução (ou de outros géneros incluídos) como essencialmente distintos quanto às características textuais que evidenciam ou como semelhantes em aspetos centrais, como os objetivos gerais ou a localização no seio do texto do género de que são parte integrante.

Também as propostas de Swales (2004) e de Devitt (2004) merecem uma reflexão crítica mais aprofundada. Provenientes de áreas disciplinares distintas, elas evidenciam diferenças nos conceitos indicados, cuja definição e delimitação responde a motivações e objetivos específicos da teorização em causa. A seguir, procurar-se-á analisar contrastivamente os diversos conceitos sugeridos, segundo diversos ângulos de abordagem.

O quadro n.º 2 constitui uma súmula das propostas anteriormente explicitadas, incluindo designações propostas por Bakhtin (1986) e Adam (2011).

Quadro n.º 2 - Relações entre géneros: conceitos e etiquetas

	Bakhtin (1986)	Swales (2004)	Devitt (2004)	Adam (2011)
Todos os géneros existentes numa dada sociedade	–	–	Contexto de géneros	–
Qualquer grupo de géneros	–	Constelação de géneros	Conjunto de géneros	–
Todos os géneros disponíveis no seio de uma área de atividade socioprofissional	Reportório de géneros	Rede de géneros	Reportório de géneros	Sistema de géneros
Grupo restrito de géneros usados por um ou mais indivíduos no seio de uma área de atividade socioprofissional, visando concretizar ações específicas e atingir objetivos particulares	–	Conjunto de géneros	Conjunto de géneros	–
Grupo de vários géneros que ocorrem sequencialmente, interagindo para concretizar uma ou mais ações	–	Cadeia de géneros	Sistema de géneros / Sequência de géneros	–
Grupo de apenas dois géneros que ocorrem sequencialmente	–		Padrão de chamada e resposta	–
Género que servem de referência a outros géneros	–	–	Supergénero	–
Género que orienta ou prescreve a maneira como se deve redigir outro género	–	–	Metagénero	–

Fonte: autor

Uma análise preliminar do quadro confirma que, na área dos Estudos Retóricos do Géneros (Devitt 2004), se verifica um interesse particular pela análise e teorização das relações entre os géneros, que resulta numa conceptualização mais abundante. Além disso, o quadro permite identificar várias dificuldades inerentes a uma clara e inequívoca compreensão das diversas propostas. Essas dificuldades decorrem de questões terminológicas e conceptuais.

Por um lado, designações diferentes referem o mesmo conceito. Em primeiro lugar, as etiquetas **rede de géneros** (Swales 2004), **reportório de géneros** (Bakhtin 1986, Devitt 2014) e **sistema de géneros** (Adam 2011) remetem para o mesmo conceito: um grupo de géneros disponível para os

membros de uma comunidade discursiva específica. Em segundo lugar, as designações **constelação de géneros** (Swales 2004) e **conjunto de géneros** (Devitt 2004) referem grupos indistintos de géneros. Em terceiro lugar, **cadeia de géneros** (Swales 2004) e **sistema de géneros** ou **sequência de géneros** mas também **padrão de chamada e resposta** (Devitt 2004) designam grupos de géneros que ocorrem sequencialmente e contribuem para se atingir um objetivo específico (ou mais do que um).

Por outro lado, há designações iguais que referem conceitos distintos: **conjunto de géneros** pode remeter, na perspetiva de Devitt (2004), para qualquer grupo de géneros (numa aceção lata) e para o grupo de géneros usado por um ou mais indivíduos no âmbito de uma dada área de atividade, visando atingir objetivos particulares (numa aceção restrita). Segundo Swales (2004), cada conjunto de géneros corresponde apenas a esta segunda aceção. Acresce que **sistema de géneros** refere, de acordo com Adam (2011), os géneros disponíveis no seio de uma dada comunidade discursiva e, segundo, Devitt (2004), um grupo de géneros que, usados sequencialmente, permitem concretizar um (ou mais) objetivo(s) específico(s). Por fim, a designação **metagéneros** indica os géneros que orientam ou prescrevem a maneira como se deve redigir um texto de outro género (Devitt 2004), mas é também uma etiqueta usada para indicar os géneros que servem de referência a outros géneros (como a *Bíblia*, no âmbito do discurso religioso cristão, ou a constituição e os códigos, no seio do discurso jurídico; cf. Berkenkotter 2001). Uma análise comparativa permite concluir, portanto, que há oscilações relevantes na terminologia adotada para designar os conceitos relativos às relações entre géneros.

A questão seguinte consiste em verificar se há designações que são ou parecem ser semanticamente mais adequadas do que outras. Acresce que, simultaneamente e numa avaliação global das propostas de Swales (2004) e de Devitt (2004), pode-se aferir acerca da consistência interna e da adequação de cada uma à área de investigação no seio da qual emergiu e aos objetivos nela visados. Deste modo, será adotado um percurso de análise que contempla reflexões sobre cada conceito e as designações que o referem, visando proceder a uma avaliação global (e não apenas individual ou atomista) de cada proposta. Esse percurso segue a ordem de apresentação dos conceitos no quadro n.º 2.

Só Devitt (2004) propõe o conceito de **contexto de gêneros**, referente a todos os gêneros existentes numa dada sociedade. No âmbito da área de investigação e teorização conhecida como Estudos Retóricos dos Gêneros, procura-se analisar e descrever os gêneros atestados nas mais diversas áreas de atividade. Nesse sentido, o conceito radica no amplo objeto de estudo do campo em que a autora se situa, na medida em que visa descrever todos os gêneros de atividades relevantes das sociedades contemporâneas. Além disso, perspetiva-se preferencialmente os gêneros como dispositivos que estão ao serviço de ações humanas e que, como tal, interagem entre si, influenciando-se reciprocamente. Nesse sentido, a autora destaca duas propriedades inerentes a este conceito: flexibilidade e dinamismo. Por isso, o conceito de contexto de gêneros é muito relevante, porquanto assenta na premissa segundo a qual cada género não existe isoladamente, mas no seio de um sistema de múltiplos gêneros - inerentes ou não a áreas de atividades particulares - que se relacionam e se condicionam²⁴.

Situado na área de Inglês para Fins Académicos, Swales (2004) incide principalmente o foco de atenção nos textos produzidos em contexto académico. Este campo de investigação ainda espelha os objetivos originais, que consistiam em apoiar estudantes e investigadores do ensino superior que, não tendo o inglês como língua materna, necessitavam de o adotar para produzir os seus textos académicos. Na sua proposta, não é contemplado um conceito como o de contexto de gêneros e a interpretação mais plausível parece ser a seguinte: o pesquisador dessa área não necessita de um conceito que refira outras relações entre gêneros além das que são visadas pelo objeto de estudo do campo em que se situa. Ou seja, não parece atentar (ou, pelo menos, não parece focar a atenção) em possíveis relações entre gêneros académicos e gêneros de outras áreas de atividade²⁵.

²⁴ Nesta perspetiva, também parece ser pertinente contemplar o conceito de **ecologia de gêneros**, originalmente proposto por Spinuzzi (2003) (*apud* Bawarshi e Reiff 2010: 114-115), “to describe the contingent, mediated, interconnected, and less sequenced relationships among genres within and between activity systems”. Segundo Spinuzzi (2004: 5), “genres do not necessarily have a sequential relationship, nor do they necessarily overlap [...]. Rather, they can be connected and used in rather different ways; the emphasis is on dynamism and adaptability to exigencies. [...] [Genres] represent the ‘thinking out’ of a community as it cyclically performs an activity. They represent distributed cognition in the sense that cognitive work is spread among the genres and the artifacts that belong to them, and opportunistic connections among those genres are historically made, cemented through practice, yet dynamic enough that new genres can be imported or can evolve to meet new contingencies”.

²⁵ No âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo, por exemplo, analisa-se a produção de textos numa dada área de atividade considerando as possíveis relações, influências e condicionalismos, de natureza unidirecional ou recíproca, que existem entre essa e outras áreas (Bronckart 1997). Por exemplo, a produção de textos do género bula de medicamentos é, concomitantemente, regulada e condicionada por diferentes áreas de atividade: i) académico-

O conceito que se define como "qualquer grupo de géneros" é designado por **conjunto de géneros** (Devitt 2004) e **constelação de géneros** (Swales 2004). Ambas as designações parecem ser suficientemente transparentes e adequadas ao que referem. Na perspetiva do Inglês para Fins Académicos, a constelação de géneros configura-se como um conceito de grande flexibilidade, na medida em que, no limite, se pode referir a todos os géneros usados no âmbito de uma dada sociedade mas também a um grupo restrito de géneros.

Todavia, a conceção dos Estudos Retóricos dos Géneros, parece oscilar entre duas aceções: uma, mais abrangente (Devitt 2004: 54-56), que coincide com o conceito de constelação de géneros proposto por Swales (2004); outra, mais restrita (Devitt 2004: 57), que corresponde ao que aquele autor também designa por conjunto de géneros. Assim, pode ser útil reservar uma etiqueta para cada aceção, ou seja: **constelação de géneros** para qualquer grupo de géneros e **conjunto de géneros** para subgrupo de géneros disponíveis numa dada área de atividade que são usados por um ou mais indivíduos, visando concretizar ações específicas (mas não de modo sequencial). Neste caso, a conceção de Swales (2004) tem a vantagem de referir com mais precisão e clareza dois conceitos distintos.

O conceito relativo aos géneros próprios de uma dada área de atividade socioprofissional é o que, tendo em conta os autores visados, conta com um maior número de etiquetas: **reportório de géneros** (Bakhtin 1986 e Devitt 2004), **rede de géneros** (Swales 2004) e **sistema de géneros** (Adam 2011)²⁶. Por um lado, as designações rede de géneros e sistema de géneros são mais adequadas para referir este conceito, porquanto indiciam que as categorias se inter-relacionam e se condicionam reciprocamente. De facto, a designação sugerida por Adam (2011) (**sistema de géneros**) sublinha a ideia de que se trata de géneros que "interagem" uns com os outros, que se

científica, em particular, a área disciplinar das Ciências Farmacêuticas, que especifica os conteúdos a incluir na bula de cada fármaco, com base nos resultados de investigações realizadas; ii) jurídica, no que respeita à legislação sobre os tipos de conteúdos a incluir nos textos desse género, assim como a sua estruturação; iii) editorial, plasmada no facto de os textos do género em causa serem geralmente impressos e estarem contidos na embalagem do fármaco que descrevem; iv) comercial, correspondente aos aspetos desses textos que decorrem de se tratar de um produto transacionável.

²⁶ Bhatia (2002: 10) também adota a designação de **sistema de géneros** para referir este conceito. Mas acrescenta a noção de **colónias de géneros** para designar os grupos de géneros que mantêm relações de grande proximidade "sometimes within but often across discourse communities". O autor assume, portanto, a ideia, cada vez mais consensual, de que muitos géneros podem ser usados no seio de diversas comunidades discursivas (e não apenas numa). Cf., por exemplo, Devitt (2004: 56), Spinuzzi (2004: 5) e Miranda (2012b).

delimitam uns aos outros, e que, conjuntamente, permitem concretizar os objetivos inerentes à área de atividade em causa. Também a etiqueta **rede de géneros**, usada por Swales (2004), destaca a ideia de estreita relação entre as categorias incluídas nesse grupo. Por outro lado, a opção de Devitt (2004) parece atender à tradição iniciada pelas traduções dos trabalhos de Bakhtin (1986). A adoção desta etiqueta talvez se fique a dever à grande influência que o autor exerceu no domínio dos estudos sobre os géneros. Mas a etiqueta **reportório de géneros** não parece incluir, de modo tão óbvio pelo menos, a aceção de interligação ou mesmo interdependência que é inerente às designações rede de géneros e sistema de géneros. Assim, as propostas de Adam (2011) e de Swales (2004) parecem ser mais pertinentes, ainda que constituam uma rutura com a proposta registada na tradução dos trabalhos de Bakhtin (1986).

O conceito correspondente a uma série de géneros usados por um ou mais sujeitos falantes no seio de uma área de atividade, visando concretizar diversas ações e atingir objetivos específicos – **conjunto de géneros** – é contemplado por Swales (2004) e por Devitt (2004). A noção é relevante por diversos motivos: no seio de uma comunidade discursiva, como a académica, o investigador pode pretender focar a atenção na competência genérica de um único indivíduo ou de diversos indivíduos que partilham, por exemplo, a mesma língua materna ou nacionalidade. Atentar na totalidade de géneros que esse indivíduo é requisitado a usar num determinado contexto ou no grupo que ele domina pode constituir um dado ou mesmo um objetivo importante para a pesquisa sobre os géneros no seio de uma qualquer área de atividade, e não apenas no âmbito do discurso académico. Mas também se pode visar analisar e descrever as interações entre vários indivíduos e os textos de diversos géneros com os quais se procura concretizar objetivos particulares.

Na que diz respeito a grupos de géneros que ocorrem sequencialmente, Swales (2004) designa-os por **cadeia de géneros**. A etiqueta é adequada, porquanto assinala a relação de sucessividade temporal atestada entre as categorias em que se inserem textos produzidos de forma consecutiva sempre que uns constituem a resposta a outros. Nestes casos, Devitt (2004) discrimina dois tipos de relações entre géneros: uma em que se perspetiva o grupo de géneros na sua globalidade, que corresponde à totalidade dos

géneros anteriormente apresentados no quadro n.º 1; e outra que incide na relação particular entre dois géneros (como, por exemplo, se observa nos textos dos géneros chamada de artigos para um periódico e artigo científico submetido à publicação em causa). A primeira designa-se **sistema de géneros** (ou **sequência de géneros**) e a segunda, **padrão de chamada e resposta**.

De novo, a proposta de Devitt (2004) parece ser mais completa, adequando-se a um campo de investigação que visa descrever as relações entre géneros atestadas em múltiplas áreas de atividade (e não apenas numa, como sucede na área do Inglês para Fins Académicos). Todavia, a designação **sequência de géneros** parece ser mais feliz do que a de **sistema de géneros**, porquanto assinala a relação de sucessão cronológica entre os textos dos diversos géneros. Acresce que, como já foi salientado, a etiqueta sistema de géneros poderia ser particularmente adequada para referir os géneros disponíveis no seio de uma dada área de atividade socioprofissional (tendo, nesse caso, Devitt optado pela designação reportório de géneros). Além disso, entre o grupo de categorias que constitui uma sequência de géneros, pode ser relevante especificar alguns deles, precisando, por exemplo, quais são os que mantêm relações mais fortes de interdependência. Nesse sentido, o conceito de **padrão de chamada e resposta** pode revelar-se muito útil.

Ainda assim, pode não ser clara a distinção entre os conceitos de **conjunto de géneros** e **sistema de géneros** (ou **sequência de géneros**); o critério-chave para essa delimitação parece residir na sequencialidade: um sistema de géneros ou sequência de géneros caracteriza-se necessariamente pelo facto de os géneros referidos por estas etiquetas se sucederem temporalmente e, em múltiplos casos, uns géneros requererem e serem requeridos por outros.

Por fim, Devitt (2004) prevê mais duas relações: a que se verifica entre um género (designado **supergénero**) e outros para os quais aquele serve de referência; e a que se observa entre um dado género (designado **metagénero**) que orienta ou prescreve o modo como se deve redigir textos de um outro género. E, uma vez mais, a pertinência dos conceitos propostos advém da área de investigação em que a autora se inscreve: dado que tem como objeto de estudo os géneros disponíveis em múltiplas áreas de atividade socioprofissional, justifica-se atentar nestas relações que existem, por exemplo, entre a Bíblia e outros géneros do discurso religioso (sermão,

encíclica, etc.) e entre a Constituição e outros gêneros do discurso jurídico (código, decreto-lei, etc.); os dois textos configuram, então supergêneros²⁷. Do mesmo modo, em casos como o da redação da declaração de impostos, há frequentemente um texto que indica os procedimentos a adotar; esse texto é designado metagênero. Os dois tipos de relações entre gêneros não são relevantes no âmbito do discurso acadêmico (área em que se situa Swales), pelo que a sua proposta não as contempla.

Assim, a teorização de Devitt (2004) pode ser considerada mais completa, dado que prevê um maior número de relações entre gêneros do que a proposta de Swales (2004). Entre as vantagens da proposta de Devitt (2004) contam-se a inclusão dos conceitos de contexto de gêneros, de supergênero e de metagênero, assim como a discriminação entre dois tipos de sucessão cronológica de gêneros (sistema ou sequência de gêneros e padrão de chamada e resposta). Em contrapartida, o uso impreciso ou com duas aceções da designação conjunto de gêneros constitui um ponto menos positivo desta proposta.

Talvez mais importante do que a mera comparação dos números de relações entre gêneros sugeridas por cada autor seja aferir de que modo essas conceptualizações se adequam aos campos de investigação em que se inserem. Dado que privilegia o estudo de gêneros do discurso acadêmico, Swales (2004) foca a atenção em relações pertinentes no âmbito dessa área de atividade. Em contraste com o que se observa na área do Inglês para Fins Académicos, os investigadores que se situam no âmbito dos Estudos Retóricos dos Gêneros visam analisar e descrever os gêneros de múltiplas áreas de atividade socioprofissional, concebendo-os como ações retóricas tipificadas que ocorrem de modo recorrente em contextos idênticos. Não surpreende, por isso, que os seus objetivos incluam explicitar um grupo mais alargado de relações entre gêneros – como as que se observam entre um gênero e um supergênero ou um metagênero, isto é, relações atestadas em textos de natureza religiosa, jurídica, fiscal, etc.

Perspetivadas desta forma, é mais fácil comprovar que ambas as propostas parecem ser adequadas às áreas de investigação em que emergiram. Todavia,

²⁷ Deve ser sublinhado que a etiqueta metagênero, proposta por Berkenkotter (2001) (*apud* Swales 2004: 17) para esta relação, não parece ser a mais adequada. Dado que inclui o prefixo "meta-", a designação metagênero é preferencialmente interpretada na aceção de "reflexão sobre um gênero". Nesse sentido, é mais pertinente usá-la para referir a relação entre o texto que recomenda ou prescreve os modos de redigir um dado texto.

as reflexões expostas apontam no sentido de a proposta de Devitt (2004) ser mais completa. Contém, no entanto, dois aspetos menos positivos: o facto de a designação conjunto de géneros ser usada em duas aceções distintas; e a designação reportório de géneros, que é semanticamente menos apropriada do que as etiquetas rede de géneros, de Swales (2004), ou sistema de géneros, de Adam (2011). Manter a designação que consta das traduções dos influentes trabalhos de Bakhtin (1986) - reportório de géneros -, porém, legítima, em parte pelo menos, a opção de Devitt (2004).

7. Considerações finais

Ao longo deste artigo, procurou-se sistematizar e refletir criticamente acerca de conceitos que referem relações entre géneros. Depois de um enquadramento que incluiu a caracterização de algumas noções indispensáveis à compreensão da temática em causa (género, tipo de discurso, comunidade discursiva/formação sociodiscursiva), foram abordados diferentes tipos de relações entre géneros que têm sido propostas e adotadas por autores diversos em diversas áreas de investigação.

Em primeiro lugar, foram explicitados os conceitos de subgénero e de género incluído. A respetiva caracterização incidiu nas diferenças entre os dois conceitos. Procurou-se demonstrar não só que se trata de relações distintas mas também que se podem cruzar, na medida em que há exemplos géneros incluídos transversais a vários géneros, podendo ser, por isso, simultaneamente perspetivados como subgéneros.

A seguir, foram examinados outros conceitos que também referem relações entre géneros, nomeadamente os que foram propostos por Swales (2004), da área do Inglês para Fins Académicos, e por Devitt (2004), da área dos Estudos Retóricos dos Géneros. As duas conceções configuram diferentes recortes da realidade, provavelmente condicionados pelos temas privilegiados e pelos objetivos perseguidos nas áreas de investigação em que os autores se inserem. Dado que há conceitos idênticos designados por etiquetas diferentes e etiquetas iguais que designam conceitos distintos, é indispensável que, em cada novo estudo, os pesquisadores explicitem claramente a designação e a definição dos conceitos de que se servem. Do

mesmo modo, pode ser relevante que indiquem a área de investigação em que se situam, mostrando, desse modo, a perspectiva de que são tributários.

Talvez a conclusão mais importante, todavia, diga respeito à constatação de que há um número significativo de diferentes relações entre os géneros. Esta proliferação de géneros e das relações que eles estabelecem entre si decorre provavelmente da complexificação das práticas discursivas nas sociedades contemporâneas, as quais refletem a complexificação crescente das relações entre os cidadãos e as múltiplas instituições (sociais, administrativas, etc.) que regulam a vida em sociedade (Bakhtin 1986: 60). Áreas de investigação como o Inglês para Fins Académicos e, em particular, os Estudos Retóricos dos Géneros têm procurado pesquisar e teorizar sobre essas complexas e ramificadas relações.

As constatações expostas têm evidentes consequências teóricas e metodológicas para os investigadores que se dedicam a estudar os géneros. Não parece ser suficiente categorizar os géneros em classificações, dado que elas não revelam estabilidade (Bronckart 1997: 138), porquanto refletem as alterações nas sociedades em que os géneros são usados. Assim, a elaboração de classificações textuais não constitui uma finalidade em si mesma, mas um meio para se visar outras finalidades, entre as quais se pode destacar a reflexão sobre os modos através dos quais um texto assume propriedades de um dado género ou de mais do que um (cf. efeito de genericidade, segundo Adam 2011 e Adam & Heidmann 2007), e as maneiras como as categorias genéricas se relacionam e influenciam de forma unidirecional ou recíproca.

Os géneros espelham inevitavelmente as comunidades que deles se servem. Por isso, o seu estudo promove o conhecimento das respetivas propriedades e contribui para uma pedagogia dos géneros mais eficaz, visando um melhor domínio da produção textual, tanto na oralidade como na escrita. Acresce que as pesquisas sobre os géneros e as relações que estabelecem entre si permitem um conhecimento mais aprofundado dos valores que subjazem a cada comunidade e dos modos como os indivíduos e as instituições se relacionam e se condicionam. A importância atualmente conferida aos estudos sobre os géneros, assim como a complexidade que eles encerram, decorrem precisamente das diversas conceções e perspectivas que lhes subjazem e dos múltiplos conhecimentos que eles proporcionam.

REFERÊNCIAS

- Adam, Jean-Michel 2001. En finir avec les types de textes. In Ballabriga, Michel (ed.) *Analyse des discours. Types et genres: communication et interprétation*. Toulouse: EUS, p. 25-43.
- Adam, Jean-Michel 2008. *La linguistique textuelle. Introduction à l'analyse textuelle des discours*, 2.^e éd. Paris: Armand Colin.
- Adam, Jean-Michel 2011. *Genres de récits. Narrativité et généricité des textes*. Louvain-la-Neuve: Harmattan.
- Adam, Jean-Michel & Heidmann, Ute 2007. Six propositions pour l'étude de la généricité. *La Licorne* 79, p. 21-34.
- Bakhtin, Mikhail 1986. The problem of speech genres. *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, p. 60-102.
- Bawarshi, Anis S. & Reiff, Mary Jo 2010. *Genre. An introduction to history, theory, research, and pedagogy*. West Lafayette: Parlor Press.
- Bazerman, Ch. 2015. A genre based theory of literate action. In Artemeva, Natasha, e freedman, Aviva (Eds.). *Genre studies around the globe. Beyond the three traditions*. Edmonton: Trafford Publishing, p. 81-94.
- Berkenkotter, Carol 2001. Genre systems at work: DSM-IV and the rhetorical recontextualization in psychotherapy paperwork. *Written Communication* 18, p. 326-349.
- Berkenkotter, Carol & Huckin, Thomas N. 1995. *Genre knowledge in disciplinary communication: cognition/culture/power*. New York/London: Routledge.
- Bhatia, Vijay K. 2002. Applied genre analysis: a multi-perspective model. *Ibérica* 4, p. 3-19.
- Bronckart, Jean-Paul 1997. *Activité langagière, textes et discours*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Chiss, Jean-Louis & Filliolet, Jacques 1987. La typologie des discours. *Langue française* 74, p. 3-9.
- Correia, Margarita 2009. *Os dicionários portugueses*. Lisboa: Caminho.
- Devitt, Amy 1991. Intertextuality in tax accounting: generic, referential, and functional. In Bazerman, Charles & Paradis, James (Eds.). *Textual Dynamics of the professions. Historical and contemporary studies of writing in professional communities*. Madison: University of Wisconsin Press, p. 336-357.

- Devitt, Amy 2004. *Writing genres*. Carbondale: Southern Illinois University.
- Foucault, Michel 1969. *L'archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- Maingueneau, Dominique 2002a. Communauté discursive. In Charaudeau, Patrick & Maingueneau, Dominique (Dir.). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, p. 104-106.
- Maingueneau, Dominique 2002b. Formation discursive. In Charaudeau, Patrick & Maingueneau, Dominique (Dir.). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, p. 269-272.
- Maingueneau, Dominique 2002c. Type de discours. In Charaudeau, Patrick & Maingueneau, Dominique (Dir.). *Dictionnaire d'Analyse du Discours*. Paris: Seuil, p. 592.
- Maingueneau, Dominique 2004. Retour sur une catégorie: le genre. In Adam, Jean-Michel, Grize, Jean-Blaise & Bouacha, Magid Ali. *Texte et discours: catégories pour l'analyse*. Dijon: Éditions Universitaires de Dijon, p. 107-118.
- Maingueneau, Dominique 2011. Pertinence de la notion de formation discursive en analyse de discours. *Langageetsociété* 135, p. 87-99. Disponível no endereço <<https://www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2011-1-page-87.htm#>>
- Maingueneau, Dominique 2014. *Discours et analyse du discours*. Paris: Armand Colin.
- Maingueneau, Dominique & Cossutta Frédéric (1995). L'analyse des discours constituants. *Langages* 117, p. 112-125.
- Miller, Carolyn 1984. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech* 70, p. 151-167.
- Miranda, Florencia 2012a. *Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: FCG/FCT.
- Miranda, Florencia 2012b. Os géneros de texto na dinâmica das práticas de linguagem. *Cadernos Cenpec* 2 (1), p. 121-139.
- Orlikowski, Wanda & Yates, JoAnne 1998. Genre systems: structuring interaction through communicative norms. *Journal of business communication* 39 (1), p. 13-35.
- Rastier, François 1989. *Sens et textualité*. Paris: Hachette
- Rastier, François 2001. *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.
- Reis, Carlos 1995. *O conhecimento da literatura*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Reis, Carlos 2018. *Dicionário de estudos narrativos*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Rosa, Rute 2015. *Proposta Interacionista para a prática de revisão de texto: o padrão discursivo dos textos académicos*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Rose, David & Martin, Jim 2012. *Learning to write/Reading to learn. Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. Sheffield/Bristol: Equinox Publishing Ltd.

- Schryer, Catherine 1993. Records as genre. *Written communication* 10 (2), p. 200-234.
- Silva, Paulo Nunes da 2012. *Tipologias textuais. Como classificar textos e sequências*. Coimbra: Livraria Almedina/CELGA.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e 1988. *Teoria da literatura*, vol. I, 8.ª edição (reimpressão). Coimbra: Livraria Almedina.
- Spinuzzi, Clay 2004. Describing assemblages: genre sets, systems, repertoires, and ecologies. *Computer Writing and Research Lab, White Paper Series, #040505-2*, Austin: University of Texas at Austin, p. 1-8. Disponível no endereço <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.520.657&rep=rep1&type=pdf>>
- Swales, John 1990. *Genre analysis. English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Swales, John 2004. *Research genres. Explorations and applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Todorov, Tzvetan 1987. L'origine des genres. *La notion de littérature et autres essais*. Paris: Éditions du Seuil, p. 27-46.
- Vian Jr., Orlando 2015. Beyond the three traditions in genre studies: a Brazilian perspective. In Artemeva, Natasha & Freedman, Aviva (Eds.). *Genre studies around the globe. Beyond the three traditions*. Edmonton: Trafford Publishing, p. 95-114.